

ARQUIVOS SIMULADOS E DIDÁTICA DA PESQUISA HISTÓRICA:
PARA UM SISTEMA EDUCACIONAL INTEGRADO ENTRE ARQUIVOS
E ESCOLAS*

Ivo Mattozzi**

PREMISSA

As experiências didáticas que se baseiam na relação entre professores e fontes de arquivologia podem distinguir-se esquematicamente em:

- 1) experiência de utilização de fontes não estruturadas;
- 2) pesquisas histórico-didáticas com materiais estruturados;
- 3) pesquisas de arquivos organizadas pelos professores.

As experiências didáticas que se baseiam, ao invés, na relação entre professores e instituições de arquivologia podem distinguir-se em:

- 1) visitas aos arquivos;
- 2) visitas a exposições didáticas realizadas pelos arquivos;
- 3) percursos didáticos nos arquivos.

Em cada uma dessas experiências há peculiares potencialidades educacionais e limites estruturais.

Nenhuma dessas experiências consegue responder a três questões:

- 1) como tornar generalizadas as operações cognitivas que a heurística coloca em funcionamento/movimento;
- 2) como unir com a escola os arquivos, sejam aqueles assimilados das funções institucionais, daqueles raramente utilizados, sejam aqueles “fechados” à frequência dos estudiosos;
- 3) como incluir a atividade de arquivologia no conceito da história.

* Artigo traduzido por Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, autorizada pelo autor. Já publicado em italiano com o título “Modelli di ricerca storico didattica” Archivi simulati e didattica della ricerca storica: per un sistema formativo integrato tra archivi e scuole. In: AA VV. Archivi locali e insegnamenti storici. Arquivo histórico Prefeitura de Modena, Modena, 2001, pp.11-23.

**Professor de História Moderna da Universidade de Bolonha, Itália.

A proposta de construir arquivos simulados (um conceito que retomei de Scipione Guarracino) e de organizar atividades didáticas sobre isso poderia ser a resposta as três questões. Pretendo apresentá-la, tendo em vista os resultados provisórios de uma pesquisa em curso – desenvolvida com um grupo de professores – com possibilidades:

- a) de reduzir a um modelo didaticamente utilizável na estrutura de um verdadeiro arquivo (no nosso caso aquele da prefeitura de Mogliano Veneto na província de Treviso);
- b) de criar as soluções didáticas para uso do modelo em escala menor;
- c) de propor o objetivo dos arquivos simulados para as exigências das escolas de diversos graus, como um horizonte em direção aos quais todos os arquivos possam se mover (sejam aqueles muito freqüentados pelos estudiosos para desenvolver atividades dirigidas a escolares, sejam aqueles fechados pela falta de atenção das entidades locais).

Apresentarei para discussão os argumentos didáticos e práticos que tornam sugestiva a proposta.

1. A ESCOLA, OS ARQUIVOS E OS DESEJOS DA PESQUISA HISTÓRICO-DIDÁTICA

- a) Na escola existe uma tensão na direção da formação que se realiza também graças ao uso de fontes. Tais tensões são criadas pelas teorias didáticas, as teorias pedagógicas, as experiências exemplares dos professores, as indicações dos programas.
- b) Também o mundo da arquivologia é percorrido, há vários anos, do desejo de cumprir funções didáticas: isto é demonstrado pelos convênios e os seus atos, as produções de materiais didáticos de vários tipos, as iniciativas locais.

Tais desejos são colhidos tanto dos professores como dos arquivos.

No mundo escolar os desejos têm produzido modelos, muitos materiais exemplificados ou editado por entidades locais, mas não conseguiram ainda produzir uma atitude de profissionalismo que inclua o hábito das fontes, a didática da pesquisa histórica, os arquivos entre os instrumentos normais do ensinamento da história. É uma atitude que ainda somente poucos professores utilizam.

Numerosos arquivos produziram materiais didáticos de várias estruturas. A lista que foi elaborada, na ocasião do convênio com Treviso, por Francesca Cavazzana, é característica das disponibilidades dos institutos arquivísticos. Entretanto, nem o mundo dos arquivos obteve a devida

continuidade didática. Também, aqui, a didática é um desejo aceito esporadicamente. Não se verificaram as condições para realizar a união entre os mundos dos arquivos e das escolas.

O resultado de tais episódios é que:

- 1) Somente uma minoria de estudantes tem a oportunidade de, pelo menos uma vez, durante o período estudantil, de encontrar a pesquisa histórico-didática. A maior parte não conhece o conceito de fontes, de pesquisa, de processos de construção do conhecimento histórico, é incapaz de reconhecer as operações cognitivas que a pesquisa pode promover. No entanto, existem algumas situações privilegiadas de formação histórica que contrastam com a generalidade das situações atrasadas onde aos estudantes é negado o benefício da formação mediante a pesquisa.
- 2) Não existe em lugar nenhum a disponibilidade de materiais curriculares que permitam, a cada professor, inserir a própria experiência como uma perspectiva de longa duração.
- 3) São raríssimos os materiais didáticos disponíveis para as escolas de 2º grau.
- 4) O arquivo quase nunca é inserido como um dos meios de formação.

As dificuldades para difundir a didática com os arquivos são evidentes. Os arquivos não estão em toda parte. O uso da didática com os arquivos requer muito tempo: não é possível aos alunos estarem frequentemente nos arquivos. Os arquivos não são equipados para recebê-los em grande quantidade e não o serão nunca. Mesmo nos casos onde as escolas pudessem organizar atividades didáticas nos arquivos seria temerário para com a conservação da documentação arquivística se esta fosse colocada a disposição dos estudantes.

Restam, portanto, abertas as seguintes questões:

- a) como é possível difundir a didática da pesquisa mediante a produção de materiais que possa beneficiar as exigências de cada lugar e de cada nível escolar;
- b) como é possível dispor de materiais que em cada local permitam construir currículos de formação histórica mediante a pesquisa;
- c) como é possível que o arquivo, como um modo de organizar os instrumentos de pesquisa, seja integrado no percurso curricular;
- d) como é possível dotar os professores de materiais que os encoraja a assumir a perspectiva do trabalho em laboratório e a coragem de criar percursos didáticos adequado para os alunos.

2. A ARQUIVO SIMULADO: O OVO DE COLOMBO

A resposta a tais questionamentos me parece ser o arquivo simulado ou o modelo de arquivo. Creio que até agora esta palavra, com o objetivo didático, dê a idéia de uma mistura de material organizado segundo critérios da arquivologia, mas que não corresponde a um arquivo real. Por exemplo, se um professor faz uma coleção de materiais produzidos em sala de aula e os classifica ou reproduz fotocópias de documentos relativos a diversos arquivos, classificando e criando categorias próprias, o resultado pode ser denominado arquivo, mas nem um nem outro são modelos de arquivos existentes. Ao contrário, o que se quer designar aqui é a possibilidade de um instrumento didático que represente um arquivo real. Deve, portanto ser esclarecido em qual sentido se trata de um modelo.

A didática do arquivo e a pesquisa simulada referiram-se tantas vezes no passado, por quem faz pesquisa histórico-didática. Mas de “pseudo-arquivo” e da sua relação com o arquivo original escreveu de maneira mais intensa Scipione Guarracino. Segundo a sua definição um pseudo arquivo é o resultado da seleção de material feita sobre uma documentação original pelo arquivo do professor e arquivista.

Disto, o que resultar será um ‘modelo’, ou seja, uma reprodução reduzida do arquivo original que mantenha as características deste arquivo eliminando os detalhes desnecessários da pesquisa que queremos fazer. Obviamente o modelo será bem sucedido se consentirá fazer operações didáticas comparáveis àquelas das pesquisas científicas, exceto pela redução de todos os parâmetros quantitativos. Assim, se necessitamos fazer uma pesquisa integral, digamos sobre os atos de uma magistratura municipal de certo número de anos do século XVII, esses atos serão medidos em dezenas e não em centenas ou milhares. Mas o dossiê assim obtido não deverá conter somente o tipo de documento (econômico, judiciário, etc.) que nos interessa, pelo contrário, deverá consentir tanto a pesquisa quanto a seleção a partir do título do documento; e em ambos deverá haver a possibilidade do erro, de interpretação, do engano da leitura (pro ex. o interesse do documento não está naquilo que o título oficial sugere). Em outras palavras, a pesquisa didática deve continuamente estar relacionada a problemas reais de decisão: este documento me serve ou não? Devo lê-lo ou não? Devo lê-lo integralmente ou tenho um critério para procurar diretamente aquilo que mi *serve?*²

Até aqui Guarracino não foi além da hipótese de considerar, exclusivamente, o nível mais alto de escolaridade e não me parece que sua proposta tenha sido desenvolvida e que tenha dado impulso à atividade de pesquisa

sobre a adoção dos arquivos simulados pela parte da didática. Permanece o problema da definição da estrutura deles, a possibilidade de utilização a qualquer nível escolar e o modo de uso.¹

O nosso objetivo é verificar como a idéia do arquivo simulado possa realizar-se efetivamente, adaptar-se aos diversos graus escolares e como possa estimular um programa de trabalho comum entre arquivos e escola, além de resolver alguns problemas didáticos.

3. O CASO DE MOGLIANO VENETO (TV)

Vejamos concretamente a solução que estamos procurando dar na realidade de Mogliano Veneto. Nesta cidade, entre Mestre e Treviso, funciona, há vários anos, um laboratório de didática da história local. O laboratório formou competências de mestres e de alguns professores de escola média fez pesquisadores em didática aplicada, e, graças a sua contribuição, conseguiu conservar vários materiais da história de Mogliano e também de algumas cidades vizinhas (Scorzé e Carbonera). Tais materiais estão organizados de modo a permitir o desenvolvimento de pesquisas histórico-didáticas estruturadas. Os materiais podem compor um currículo para todo o período escolar.

Em Mogliano, existe um arquivo histórico municipal que coleciona documentos da administração local do período de 1800 a 1900. Recentemente o arquivo foi reorganizado com um inventário e a criação de um índice. Mas é fechado ao público. Este arquivo está armazenado em uma sala de uma escola maternal em um bairro da periferia. A meta era visitá-lo com um grupo de professores que freqüentam o laboratório, mas não conseguimos ir muito longe nesta visita, pois o arquivo é praticamente inutilizável devido à falta de pessoal e espaço.

Em tal situação, o desenvolvimento do trabalho de pesquisa didática no laboratório nos impôs um duplo problema: de um lado os professores têm o desejo de entender também como se usa um arquivo e de adquirir habilidades mais avançadas em relação à pesquisa histórico-didática previamente desenvolvida num dossiê; de outro lado, o desenvolvimento do currículo requer outras provas para promover ainda mais as competências o trabalho permite construir.

A percepção dos dois problemas sugeriu como solução o arquivo e a didática do arquivo. Mas o arquivo real é impraticável. Portanto, a única possibilidade de satisfazer as duas exigências era aquela de criar um arquivo simulado. O que estamos tentando fazer é projetar e realizar um modelo de arquivo e, ao mesmo tempo, pensar na sua didática. É ainda um trabalho

em desenvolvimento e eu o apresento com todas as incertezas que podem derivar do fato que estamos trabalhando sem a colaboração de um arquivista que controle nossos eventuais erros. Trabalhamos com base em um índice e na exploração pessoal de envelopes. Esta pode ser uma ocasião para um confronto com especialistas em arquivística e de críticas que possam corrigir os defeitos não aceitáveis da nossa imprecisão.

4. O MODELO DO ARQUIVO SIMULADO

A idéia é muito simples. O modelo vem a ser constituído de documentos selecionados de um ou mais recursos e reproduzidos em fotocópias, podendo ser em formato reduzido em relação aos originais. Os documentos selecionados vêm classificados segundo as categorias nas quais se encontram distribuídos nos recursos originais e colocados em pastas que são intituladas também de acordo com os originais. Assim as pastas corresponderão aos envelopes reais. Estas, depois, serão colocadas em caixas que corresponderão aos recursos. Uma caixa do arquivo simulado contém uma pequena parte do arquivo real, mas é organizada com os mesmos critérios do arquivo original. A estrutura do arquivo didático simula aquela do arquivo real. Mas a diferença é notável no que diz respeito à quantidade e à configuração com os quais os documentos serão apresentados aos escolares.

Os critérios da seleção e da apresentação dependem do uso didático. Procura-se individualizar os documentos que possam se adequar a temas interessantes para escolares, seja de escola elementar, seja da média. Se não são muito simples de decifrar ou de ler, os documentos vêm munidos de materiais que contenham a transcrição e/ou a transposição em italiano compreensível para os alunos e/ou a adaptação se o documento é muito longo. Os alunos sabem, portanto, que existe um original, e que este é representado pela fotocópia, mas trabalham efetivamente sobre a transposição. Além das categorias que expressam as classes os documentos podem ser também “traduzidos” da linguagem formal àquela mais familiar aos jovens. Os conceitos básicos para aceitar com desenvoltura estas práticas são “modelo” e “simulação”.

O arquivo composto com propósito didático é um modelo do arquivo real. O modelo é uma representação de um objeto, de uma situação arquitetada para fins especiais. A representação pode ter muitas formas, em função da finalidade à qual é destinada. Um modelo representa um original e dá a possibilidade de fazer uma idéia do original. Um modelo não deve necessariamente assemelhar-se àquilo que representa. O modelo tem uma característica que é a equivalência dos elementos do modelo com os elemen-

tos do objeto representado. É possível ter uma equivalência no modelo para cada elemento relevante do sistema e, neste caso, o modelo é uma réplica real. Um modelo feito assim é o resultado da correspondência isomorfa, e um leigo não conseguirá distinguir a cópia do objeto real. Geralmente o modelo apresenta uma complexidade inferior à do original, sendo as perdas irrelevantes e mantendo-o ainda eficaz. Pode-se construir um programa como modelo, fazer experiências sobre o modelo para depois transferir os resultados nas situações reais.

O modelo é adequado se consentir a estimulação das operações que devem ser feitas em relação ao sistema real. Em correlação com a teoria dos jogos, a simulação é o real instrumento da aproximação sistêmica. Se considerarmos tais definições da relação do modelo de arquivo e arquivo real, então podemos atribuir os seguintes objetivos ao arquivo simulado.

O arquivo simulado deve dar, acima de tudo, a percepção que os depósitos arquivísticos tornaram-se os laboratórios indispensáveis da pesquisa histórica e da reconstrução do conhecimento do passado; uma vez que a coleção dos documentos do arquivo não é o resultado de uma casualidade ou da opinião do professor, mas que é automaticamente o resultado da atividade de uma administração pública, de uma entidade religiosa, de uma empresa industrial ou comercial, de uma família ou pessoal.

A noção de “recursos de arquivo” se opõe, portanto, àquela de coleção: uma coleção – de museu, biblioteca ou de colecionador – é constituída com critérios subjetivos, para atender a certos gostos, ou interesses de vendas, de presentes ou herança. Ao contrário, os documentos se arquivam exatamente como se formam os sedimentos das camadas geológicas, progressiva e constantemente. Os arquivos são conservados porque representam a documentação de uma instituição: eles são os títulos dos bens, as provas dos direitos ou das pretensões, contêm os históricos dos negócios tratados, permitem aos seus possuidores de defender-se ou atacar.

O arquivo simulado deveria ter uma estrutura voltada aos estudantes, para compreensão das funções, estrutura e a potencialidade de um arquivo real.

5. OS PONTOS FORTES DE UM ARQUIVO SIMULADO

O modelo apresenta muitas vantagens. De fato:

- 1) pode ser utilizado em nível escolar, no âmbito de uma região, no setor historiográfico, etc. As escolas de cada região poderiam ter os arquivos simulados mais adequados às suas necessidades didáticas. Também aque-

las sem arquivos poderiam tê-lo em forma de doação das organizações dos arquivos simulados por parte do Estado;

2) pode ser incrementado sucessivamente.

A um arquivo simulado pode-se acrescentar outros documentos, aos poucos, conforme surgem as necessidades. Ao modelo de um arquivo – imaginemos um arquivo municipal – pode-se acrescentar outros arquivos, sejam eles de uma empresa, sejam do próprio Estado.

3) pode permitir a flexibilidade temática.

Permite criar temas de acordo com a capacidade e os interesses da classe.

4) pode permitir um currículo da pesquisa histórico-didática.

Realmente, as operações da pesquisa podem tornar-se aos poucos mais complexas em função da quantidade e da variedade das fontes que podem ser consultadas e usadas para a construção do conhecimento histórico.

6. PARA QUE SERVE UM ARQUIVO SIMULADO

Graças à flexibilidade da sua estrutura e à variedade das suas dimensões, um arquivo simulado pode ser usado em todas as situações nas quais está em jogo a formação não só nas escolas mas também fora dela.

Primeiramente serve:

1) na formação dos professores como campo de exercício das competências relativas à conceituação da pesquisa, das fontes, no saber fazer em modo heurístico, no formulário das informações e na focalização temática.

Particularmente no laboratório em Mogliano, graças ao trabalho para o arquivo e sobre o arquivo simulado, estamos realizando uma formação que nunca foi possível sobre os dossiês de documentos prontos.

Por exemplo. As operações heurísticas, que não existem em um *dossier* pronto, são envolvidas no uso de um ou múltiplos arquivos simulados.

Secundariamente um arquivo simulado especificamente construído poderia ser o instrumento principal também;

2) na formação dos estudantes universitários, para treiná-los na pesquisa arquivística e na didática da pesquisa.

Sabe-se que os estudantes dos cursos de literatura e de história saem da universidade sem idéia do arquivo e da pesquisa histórica ou chegam a tese, que requer a freqüência do arquivo, sem nenhum conhecimento.

Um ou mais arquivos simulados poderiam consentir o treinamento às operações de base da pesquisa.

Na formação histórica o arquivo simulado pode tornar-se o instrumento mais adequado;

3) como base para a produção dos percursos da pesquisa histórico-didática estruturada.

Neste caso os professores têm a possibilidade de guiar as operações de uso do arquivo mediante indicações de trabalho muito específicas, mas aplicando a temas e caminhos de pesquisa diferentes segundo as conveniências da fase do aprendizado;

4) como base para percursos de pesquisa histórico-didática não estruturada.

Nesse caso os alunos que já conhecem os procedimentos do trabalho sobre fontes receberão poucas informações, somente aquelas necessárias para o desenvolvimento do trabalho e aquelas que viriam a ser solicitadas para a solução das dificuldades encontradas.

7. QUAIS AS COMPETÊNCIAS PÔEM EM RISCO A CONSTRUÇÃO DE ARQUIVOS SIMULADOS?

Um arquivo simulado é o produto do resultado de uma serie de atividades que implicam na colaboração entre professores e arquivistas. As competências arquivísticas são acionadas:

- para identificar os documentos;
- para o tratamento documental;
- para a predisposição dos instrumentos de consulta;
- para a individualização dos percursos da pesquisa;
- para o controle da validade das operações de pesquisa.

As competências didáticas são requisitadas:

- para o tratamento didático da documentação;
- para a predisposição dos percursos didáticos;
- para a predisposição dos fichários para a realização dos percursos;
- para a individualização de temas que suscitem o interesse dos alunos.

Em suma, a construção dos arquivos simulados é um excelente objetivo para dar sentido e substância à parceria entre escolas e arquivos.

8. PORQUE A ÊNFASE SOBRE A PESQUISA HISTÓRICO-DIDÁTICA DIANTE DOS ARQUIVOS SIMULADOS?

As virtudes de formação do uso das fontes e da pesquisa histórico-didática com materiais estruturados são numerosas.

Capacidade de leitura das fontes e de produção das informações pertinente ao tema; capacidade de produzir informações inferenciais; capacidade de organizar as informações, sejam elas de tempo, espaço ou temáticas; capacidade de desenvolver um texto baseado nas informações primárias e, logicamente, e sobre aquelas fontes extras que são colocadas à prova e consolidadas.

Mediante a pesquisa histórico-didática imaginada, os alunos conquistam também a consciência das passagens fundamentais do processo de construção do conhecimento histórico e os conceitos a esses ligados como as fontes, documentos, informações, texto etc.

Mas na pesquisa histórico-didática exercida em fontes já organizadas há evidentes limites e esses podem ser superados mediante os arquivos simulados. Em primeiro lugar, a pesquisa com fontes já organizadas não permite os procedimentos heurísticos. O arquivo simulado ou uma pluralidade de arquivos correlacionados entre si servem para colocar à prova as capacidades heurísticas. Ou seja, a pesquisa de soluções ou necessidades de informações que surgem, seja na fase inicial ou à medida que são produzidas novas informações. Essa capacidade é ligada ao conhecimento da estrutura dos arquivos e do funcionamento das instituições que produziram a documentação; também dependem das inferências que se produzem graças a interpretações de informações únicas ou cruzadas entre elas e do uso dos instrumentos de consulta. Além disso, graças às provas heurísticas pode-se compreender com mais profundidade os conceitos de pistas e de fontes, de estrutura da fonte, das séries de fontes e da potencialidade informativa das mesmas. Tais conceitos servem quando se quer analisar a realidade com o pensamento do tipo histórico.

Em segundo lugar, a pesquisa histórico-didática não pode dar a entender que existem histórias ainda a construir. De fato, as fontes estruturadas no *dossier* se usam em modo exaustivo ou originam perguntas heurísticas às quais essas fontes não respondem com o objetivo de deixar claro que existem possibilidades reais de desenvolvimento por meio da pesquisa

Ao contrário, o arquivo simulado oferece o fundamento para pensar que com os materiais não consultados possam se construir itinerários diferentes do percurso iniciado. É importante que os estudantes conceitualizem a História pensando-a não como um sistema de conhecimento definido e exaurido, mas como um campo de pesquisa aberto. O conceito da história requer que seja introduzido também o elemento “arquivo”. Não somente como um conjunto documental organizado, mas também como um conjunto que permita que os arquivistas estudem os recursos, os inventários,

os formulários e torne possível ou impeça com sua atividade a pesquisa e seus desenvolvimentos. É necessário que fique claro que por trás de um conhecimento histórico existe a atividade dos arquivistas e o funcionamento dos arquivos. Os estudiosos chegaram a tal conhecimento freqüentando os arquivos e com a experiência dos seus modos de funcionamento ou não funcionamento, segundo as expectativas e as exigências. Não é possível que o exercício com os arquivos simulados gerem tal conhecimento. Mas estes podem originar o núcleo operacional do conceito do arquivo que é propedêutico à aquisição conceitual mais intensa.

9. ARQUIVOS SIMULADOS E HISTÓRIA LOCAL

Obviamente, as histórias locais são os ambientes nos quais os arquivos simulados poderiam mostrar a sua utilidade. Temos agora bons argumentos para sustentar que um currículo de formação histórica deva combinar com uma quantidade de atividades dirigidas à história local.

O estudo das histórias locais pode oferecer os seguintes benefícios:

- a descoberta do valor cognitivo das histórias locais em relação à história geral;
- a consciência de que não existe lugar que não possa ser objeto interessante de estudos históricos;
- a capacidade de compreender que cada história local é entrelaçada com os processos históricos gerais;
- a capacidade de compreender que os processos históricos gerais se compõem da multiplicidade das histórias locais;
- o crescimento do conhecimento da região que funciona como quadro de referência espacial;
- o aumento de interesse cívico na gestão de problemas locais.

São todos benefícios que não se podem esperar só do ensino geral da História. Além disso, as histórias locais são o contexto onde é mais fácil e menos arriscado o uso das fontes e da pesquisa histórico-didática.

Os benefícios esperados nos dão a certeza de que módulos de histórias locais deveriam ser realizados a qualquer nível escolar. Mas a justa causa para introduzir as histórias locais no currículo contínuo é perdida se os professores não puderem dispor dos materiais adequados para realizar um ensino inteligente de histórias locais. Isso requereria a preparação de tantos dossiês de fontes estruturadas para tantos currículos quantos fossem necessários para cada município, cada região histórica, cada região administrativa, uma

tarefa praticamente impossível. Claro que a história local é uma coisa boa! Mas se os professores não dispõem de instrumentos, arquivar a história local torna-se uma utopia. Esta é a realidade: não existem pessoas com a tarefa de recolher os materiais, não existem meios econômicos disponíveis, não é fácil receber os materiais básicos para a preparação dos materiais didáticos. Tudo é desanimador.

Então, devemos nos conformar e considerar as histórias locais um material de aprendizado reservado somente a alguns estudantes e devemos nos contentar que essas histórias estejam presentes episodicamente no currículo?

Os arquivos simulados podem impedir a sensação de impotência e dar a possibilidade de realizar pesquisas em vários níveis locais e consentindo aos professores agrupar as experiências de trabalho sobre a história local.

10. COMO SE PODE USAR? O EXEMPLO DE MOGLIANO VENETO

Guarracino falava de pseudo arquivo e de pesquisa simulada. De fato, o arquivo é simulado. Mas a pesquisa que ele consente não é simulada. É uma pesquisa verdadeira, que pode ser dirigida ou guiada com graduações diferentes. Pode-se imaginar algoritmos diferentes dos procedimentos de uso do arquivo simulado, e maneira que a mesma tarefa – construir um conhecimento a partir das informações que este arquivo inclui – possa ser resolvida com níveis de dificuldades muito diferentes.

Na conclusão do processo de formação (por exemplo, no último ano da escola secundária superior), podemos atribuir aos estudantes a capacidade autônoma da iniciativa na pesquisa histórica por meio de múltiplos arquivos simulados. No início do processo (na escola primária), a pesquisa é fortemente guiada e/ou fortemente estruturada em relação ao passado imediato, o passado pessoal, o passado de uma geração, e o passado local.

Os alunos formam os núcleos conceituais da história, da fonte, da pesquisa histórica. Usando os arquivos simulados pode desenvolver tais núcleos. De que forma? A nossa hipótese é a de conduzir os alunos a pensarem meta cognitivamente o algoritmo da pesquisa, mediante os materiais que os levem ao uso do arquivo. Trata-se de organizar o jogo da pesquisa em três fases.

O primeiro material compõe um pequeno módulo que tem uma organização lúdica e um objetivo de introdução. O segundo módulo implica uma pesquisa fortemente guiada. O terceiro módulo serve de guia para uma pesquisa mais livre e criativa.

PRIMEIRO MÓDULO

Os alunos são colocados numa situação problema para a interpretação de duas cópias incompletas do mesmo documento. São solicitados a reconstruir o documento original e depois procurar a confirmação da própria hipótese no arquivo simulado, que devem saber usar através da consulta do índice e a compilação da ficha de pedido do “envelope” que presumidamente contém o documento justo. Se não o acham no “envelope” então fazem novas tentativas, modificando a cada vez os pedidos.

Da ficha eles são convidados, vez por outra, a dizerem com base em quais elementos do índice imaginam individualizar o envelope justo. Tal pedido tem duplo objetivo: 1) evitar que a pesquisa proceda confusamente; e 2) mais importante, que tomem consciência dos elementos de referência para a pesquisa e do modo de raciocinar.

Assim, brincando, eles começam a familiarizar-se com o conceito de arquivo simulado, com os meios de consulta e com os procedimentos da pesquisa documental, numa situação extremamente simplificada. Esta familiarização acontece, porém, colocando em jogo as competências inferenciais, das temáticas e daquelas cronológicas.

O jogo é baseado na trama inicial do romance de Julio Verne, *Os filhos do capitão Grant*, que já foi definido por Agnes Heller como uma metáfora da pesquisa histórica. Por isso mesmo e com o objetivo de incentivar as motivações, a atividade didática inicia propositadamente com a narração de Verne.

SEGUNDO MÓDULO

Tem como objetivo a construção do “algoritmo” da pesquisa, ou seja, um procedimento para resolver operações complicadas através da resolução de uma série de operações simples.

Isto tende a desenvolver a consciência meta cognitiva das operações que se relacionam numa pesquisa de arquivo. O tema é proposto pelo professor e, baseando-se neste, os alunos deverão individualizar os envelopes que provavelmente contém as fontes pertinentes: executar os procedimentos da pesquisa para conseguir um envelope. Ler um a um os documentos individualizados e redigir para cada um uma ficha com registro das informações.

A ficha é estruturada de maneira a orientar no registro dos elementos de identificação do documento (data, referencias de arquivo, palavra chave para os temas...) e ao fichário das conclusões e dos comentários. Solicita-se

também a individualizar as conexões possíveis com outras fontes e pensar nos desenvolvimentos heurísticos. A réplica do fichário sobre outras fontes leva à constituição do cadastro da pesquisa. Também se dão indicações do trabalho, que guiam o uso do catálogo, induzindo as operações para ordenar as fichas (temático e cronológico) e aquelas inferenciais que têm o objetivo de individualizar as conexões entre as fontes e as informações.

Os passos sucessivos são indicados com o objetivo de construir as informações em um gráfico temporário que serve para a revelação das mudanças e permanências e para individualizar as tramas do conhecimento.

A leitura do gráfico prepara para a escritura do texto. Uma ficha guia na elaboração de maneira que apresente algumas características do texto de tipo histórico.

TERCEIRO MÓDULO

Tem como objetivo aplicar o algoritmo como uma guia mais discreta que serve de pró-memória das passagens obrigatórias da pesquisa.

Nós estamos construindo materiais diferentes que nos permitem o uso do arquivo simulado na escola de base e se prestam a uma aplicação curricular graças à própria divisão de módulos. Uma turma escolar poderia limitar-se a desenvolver o primeiro módulo, o lúdico, permitindo a construção de alguns conceitos de algumas habilidades, tais como a consulta ao índice e ao pedido argumentado. Se tempo e competências consentissem, poderia desenvolver o segundo módulo ou ainda pular para o terceiro. Os módulos são entre eles coordenados e relacionados. Mas, ao mesmo tempo, são auto-suficientes e autônomos. O seu uso depende dos pré-requisitos da turma.

Arquivos simulados podem também ser organizados com suporte da informática e isto poderia facilitar o incremento e a difusão dos mesmos.

11. UTOPIA? TOMAR CONSCIÊNCIA DAS TENDÊNCIAS

Já em 1961, Robert-Henri Bautier percebia que a nova ambição dos arquivistas era que os volumes de documentos por eles reunidos não servissem somente para o especialista histórico, mas fossem colocados à disposição da população escolar para desenvolver o gosto pela história, e para a população em geral adquirir a cultura histórica. E evocava as exposições dos documentos e as semanas nacionais dos arquivos e outras atividades expositivas como prova da sua vontade. Mas era, sobretudo, ao público escolar que os arquivos eram voltados. Particularmente na França, os serviços educativos foram ins-

tituídos nos arquivos nacionais e em alguns depósitos departamentais. Postos nas mãos dos professores ou de mestres, sob a coordenação dos arquivistas, têm o objetivo de ilustrar o curso da história por meio dos documentos, de manter vivo o ensinamento da história, e de ser para o ensinamento aquilo que o laboratório é para as ciências naturais. Tal concepção, que era também de alguns arquivos ingleses, especialmente aqueles de Essex, tinha a tendência de expandir-se para diversos países.

Os arquivistas pretendem trabalhar para desenvolver no público o interesse pela História. Nos decênios sucessivos tais tendências se fortaleceram. Na Itália, uma associação como “Archilab” desenvolve uma atividade importante para difundir os arquivos além da própria estrutura.

Trata-se, então, de achar soluções não ocasionais, mas estruturadas para uma exigência voltada a favorecer a formação histórica, a valorização dos arquivos e de suas funções e a promoção do conhecimento histórico na sociedade. É, portanto, tarefa da pesquisa didática inventar horizontes, possibilidades e instrumentos, de maneira que os arquivos que estão a serviço da história possam ter uma forte incidência sobre a formação histórica e cívica.

NOTA

- 1 S. GUARRACINO, *A Lógica da pesquisa e a didática do arquivo*, em *Didática da história e arquivos* organizados por C. Torrissi, Caltanissetta – Roma, 1987, pp.55-85; particularmente pp.79-80

REFERÊNCIAS

- F. BALDELLI – A.BORSARI. *Projeto para um laboratório de história*, em «Arquivos & Computador», VIII/2 (1998), pp. 103-108
- R.-H. BAUTIER. Les archives, em C.SAMARAN [organizado por], *L'histoire et ses methodes*, Paris,1961,pp 1120-1166.
- F. CATTANEO. *Os documentos narram. Laboratório da escrita criativa*, em *Arcas. A promoção dos arquivos locais entre escolqa e região*, Brescia 1999, pp.81-88.
- F. CAVAZZANA ROMANELLI. *Arquivos de Estado, público e região*, em «Protagonistas», Trimestral de pesquisa e informação, 54 XV (janeiro – março 1994).
- F. CAVAZZANA ROMANELLI – L.PUPPI [organizado por], *História local e história regional. O caso Veneto*, Vicenza 1995 (e nesse, por prestação de contas e para

as aberturas às problemáticas da didática se observa: L. VANZETTO. *As "histórias das cidades" no início de dois mil*, pp. 37-48; D. GASPARINI, *O ofício do histórico local*, pp. 49-55; F. CAVAZZANA ROMANELLI. *História local e fontes de arquivo*, pp. 56-69; I. MATTOZZI. *A história local na didática*, pp.77-94; B. BERTOLI. *A história das igrejas locais: uma nova historiografia eclesiástica?*, pp. 95-107.

R. CERRI. *Automação dos arquivos históricos e didática em Arquivistas diante do presente: entre problemas de tutela e valorização*, Atos da II e III jornada de estudo da Associação Nacional Arquivística Italiana (ANAI), Seção regional Toscana, Firenze, 15 de dezembro 1989 e Pisa, 14 de dezembro 1990, organizado por M. Brogi, Milão 1992, pp. 151-158.

R. CERRI, *Promover os arquivos históricos: uma idéia peregrina ou uma necessidade para os arquivos dos entes locais? Em os arquivos além da própria estrutura ou a promoção arquivística: experiência e reflexão*, organizado por M. Brogi, San Marino (Pisa), 1999, pp.7-37, particularmente p.22.

R. CORBELLINI. *Escola e arquivo, uma relação a construir*, em *Os recursos do arquivo para o ensinamento de história*, organizado pelo Arquivo do Estado de Udine e da IRRSAE Friulli-Venezia Giulia, Udine 1990, pp. 14-18, particularmente pp.16-17

G. DEIANA. *Eu acho que a história te agrada. Proposta para a didática da história na escola que se renova*, s.l., Milão, 1997.

M. DELL'ACQUA. *Os canteiros da memória coletiva: didática e arquivos em Bens culturais e didática. Experiências e perspectivas*, Ato do Convenio "A didática dos bens culturais", Taranto, 28-29 novembro de 1986, organizado por C. Laneve, Milão 1988.

IRRSAE Sicília. *Trabalhos em curso. Experiência da didática da história* organizado por S. Boasco e A. Indelicato, Archilab, San Miniato, 2001 (artigo de F. CAVAZZANA ROMANELLI. *Didática e arquivo. Um itinerário compartilhado*, pp. 119-133, é uma colocação que se recomenda também para atualização bibliográfica)

I. GERMANI. *Didática nos arquivos? A relação entre Arquivos de Estado, professores e estudantes*, em «Calendário do povo», 5 (1991), pp. 14798-14803.

S. GAURRACINO. *Como entrar nos santuários da pesquisa* em «As Viagens de Er-doto», 1987, n. 1, pp. 41-42.

M. GUSO. *Didática da história: pesquisa e laboratório. O debate italiano 1967-1985*, em *A história ensinada*, Milão 1986, pp. 270-283.